
POTENCIAL GEOMORFOLÓGICO E GEOLÓGICO PARA O GEOTURISMO NOS PARQUES ESTADUAIS DO GUARTELÁ, VILA VELHA E CERRADO

Karin Linete Hornes¹
Chisato Oka Fiori²

RESUMO: O presente estudo foi realizado na região dos Campos Gerais com o intuito de verificar o potencial geológico e geomorfológico para a aplicação do geoturismo através da particularização de três parques estaduais; Parque Estadual do Cerrado, Parque Estadual do Guartelá, Parque Estadual de Vila Velha. A arquitetura geológico-geomorfológica do estado do Paraná revela-se como um fator fundamental no controle das paisagens existentes, influenciando decisivamente nos diferentes padrões de uso e ocupação por parte da sociedade. Esses controles juntamente com as ações do tempo podem desvelar potencialidades geomorfológicas e geológicas distintas. No entanto, esses aspectos ainda são pouco explorados para a implementação de práticas turísticas que aproveitem a variedade de produtos e processos geomorfológicos e geológicos reconhecíveis nos vários planaltos paranaense.

Palavras-chave: Geoturismo; Parques Estaduais do Paraná; Campos Gerais; Feições Geomorfológicas; Educação Turística.

ABSTRACT: The architecture of the geological and geomorphological state of Parana have emerged as a key factor in controlling the existing landscape, influencing strongly the different patterns of use and occupation by the society. However one aspect still little explored is the implementation of tourism practices that leverage the variety of products and geomorphological and geological processes can be recognized in several compartments of Paraná. In this context we intend to evaluate the potential for geotourism of the Campos Gerais region, which includes paleontological sites and sections of standard units of the Paleozoic Paraná Basin, and several geomorphological features such as canyons, waterfalls, sandstone plateaus with *relief ruiniform*, caves, cliffs, among others. This thesis presents a systematic study of the potential of Geotourism geomorphological aspects of three important parks of Paraná, namely: State Park of Vila Velha (Ponta Grossa), State Park of Guartelá (Castro / Tibagi) and Park of Cerrado (Jaguariaíva).

Key words: Geotourism; State Parks of Paraná; Campos Gerais; geomorphological features; Tourism Education.

¹ Doutora pela Universidade Federal do Paraná e Professora da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).
E-mail: karinhornes@yahoo.com.br

² Doutora em Geografia e professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: chisato@ufpr.br

Artigo recebido em julho de 2013 e aceito para publicação em agosto de 2013

1- Introdução

A região dos Campos Gerais (MAACK, 1948), possui um patrimônio natural de extrema beleza, onde seus campos, capões e formas de relevo destacam-se como monumentos que vêm intrigando, aguçando a imaginação e a curiosidade, o que explica o crescente interesse de pesquisadores e visitantes em geral. Entretanto, as poucas informações disponíveis sobre a origem das paisagens ali existentes permitem aos visitantes apenas uma reflexão lúdica. Não existe uma observação adequada sobre a história geológica e geomorfológica local, o que leva a interpretações errôneas sobre sua gênese. Assim, pensando sobre este problema propôs-se nesta pesquisa a elaboração de roteiros, para que os visitantes possam ir além deste aspecto lúdico, refletindo sobre a importância do relevo na construção da paisagem. Adicionalmente almeja-se que este conhecimento possa ser fixado e disseminado, auxiliando assim na conservação do meio ambiente.

Esta abordagem pretende conduzir, dentro de uma visão *geossistêmica* do desenvolvimento das paisagens, à percepção da importância da proteção de todos os fatores necessários para a conservação não apenas da biodiversidade, mas de todos os fatores abióticos. Assim sendo espera-se demonstrar o caráter fundamental do equilíbrio entre homem e natureza.

1.1 Campos Gerais

A região denominada Campos Gerais do Paraná, não tem uma definição única e permanente, visto que muitas vezes ela foi modificada. Para atender as necessidades e conveniências de uma identificação regional dentro de um estado com marcante dinâmica territorial nas últimas décadas.

Existe uma vasta discussão a respeito da delimitação e da terminologia Região dos Campos Gerais. Um dos primeiros estudiosos a tentar delimitar a região dos Campos Gerais foi Saint Hilaire (1820) que descreveu-a da seguinte forma:

Na margem esquerda do Itararé começam os Campos Gerais, região bem diferente das terras que a precedem do lado nordeste, e ele termina a pouca distância do Registro de Curitiba, onde o solo se torna desigual e às verdejantes pastagens se sucedem sombrias e imponentes matas (HILAIRE, 1820, p. 11-12)

Muito posteriormente tem-se o desenvolvimento do primeiro mapa que delimita a região elaborado por Reinhard Maack em 1948. A expressão “Campos Gerais do Paraná” foi intitulada por Maack (1948), que a qualificou como uma zona fitogeográfica natural, com campos limpos e matas galerias ou capões isolados de floresta ombrófila mista, onde aparece o pinheiro. A definição utilizada por Maack (1948) integra tanto critérios fitogeográficos como geomorfológicos. Existem outras delimitações da região dos Campos Gerais como a da Rota dos Tropeiros. O intuito desta rota é incentivar o turismo local através do reavivamento da antiga rota dos tropeiros. Existe outra proposta de conservação e turismo para a região na qual este trabalho também está inserido. Este projeto é denominado Geoparque dos Campos Gerais e está sendo coordenado pelo professor Dr. Gilson Burigo Guimarães. A princípio a delimitação é a mesma sugerida por Maack (1948).

No caso específico da região dos Campos Gerais, existem diversos exemplos desta categoria de patrimônio natural, com destaque para atrativos geomorfológicos,

evidências de antigas glaciações, seções-tipo de unidades geológicas, jazigos fossilíferos clássicos, solos com potencialidades e fragilidades particulares, dentre outros. Pautando-se na proposta metodológica de Lima (2008), o levantamento do patrimônio geológico dos Campos Gerais servirá como procedimento-piloto, o qual poderá ser adotado em outros setores do Estado do Paraná por seu Serviço Geológico Estadual (MINEROPAR) e até mesmo em outras áreas do território nacional. Este inventário e todo o conjunto de atividades voltadas à Geoconservação prestam-se também à iniciativa, atualmente em desenvolvimento na região, de apresentar à UNESCO o pedido de admissão à Rede Global de Geoparques (Geoparque dos Campos Gerais).

Dentro desta perspectiva esta pesquisa poderá auxiliar a construção de um futuro geoparque, através do conhecimento produzido diante do estudo dos geossítios localizados nos parques Estaduais do Guartelá (Tibagi – PR) Parque Estadual de Vila Velha (Ponta Grossa – PR) Parque Estadual do Cerrado (Jaguariaíva – PR).

1.2 Geoturismo

Durante o Simpósio de Roteiros Geológicos do Paraná, realizado em 2002, dentre as questões relacionadas ao desenvolvimento de roteiros temáticos, foi abordado o turismo geológico, visando proporcionar a descoberta de outras realidades, possibilitar a disseminação do conhecimento em determinados temas, e estimular o aprofundamento dos conhecimentos a respeito da geologia e da geomorfologia.

A idéia da formação de roteiros, se elaborados de forma coerente pode, além de proteger o patrimônio natural, possibilitar a disseminação do conhecimento, auxiliando a educação ambiental. Além de se pensar em proteção e em patrimônio deve-se lembrar que os parques são algo público e, portanto, pertence a todos. As pessoas têm direito de conhecer seu patrimônio claro que com responsabilidade. Muitas vezes a questão da conservação leva em conta o que Pádua (2011) critica. Para conservar efetivamente um local sem que haja impacto, ele deve ser fechado à visitação. As únicas pessoas que tem direito a visualização das feições seriam os cientistas. E como resolver o impasse público?

O Geoturismo, como também o Ecoturismo fazem parte de uma tendência mundial de valorização da natureza. O principal objetivo do geoturismo é o de divulgar a geologia e a geomorfologia existentes tão desconhecidas pela sociedade, seja por desconhecimento ou por falta de divulgação. A maioria dos parques privilegia somente quesitos referentes à parte biótica; assim, a disseminação do conhecimento se torna muito maior quando comparada às questões abióticas.

Nascimento (2008) escreve a respeito da geodiversidade grandiosa do Brasil e utiliza a tríade Geodiversidade-Geoconservação-Geoturismo, afim de sensibilizar a população a respeito da responsabilidade de proteger este patrimônio para outras gerações. Para o autor a geodiversidade é representada pelos diferentes tipos de rochas, paisagens, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais, que são o suporte para a vida na Terra. A geoconservação teria a intenção de proteger alguns desses elementos de geodiversidade que apresentam interesse científico, didático, cultural, paisagístico, econômico e geoturístico. Esses elementos são classificados em sítios geológicos ou geossítios ou monumentos geológicos, ou geótopos. Os geossítios representam testemunhos irremovíveis do patrimônio geológico de uma determinada região.

1.3 Interpretação do patrimônio natural

Alguns autores como Murta e Albano (2005) dividem o patrimônio em um binômio, um representa as potencialidades culturais e outros as naturais. No entanto, não é possível diferenciar estas categorias, pois qualquer sítio “natural” é concebido a partir da valorização da sociedade perante o mesmo, assim o patrimônio se restringe a um apenas. A palavra patrimônio significa bens herdados ou adquiridos por uma pessoa ou instituição, conjunto de bens culturais ou naturais que importa conservar (AURÉLIO, 2010).

Tilden (1977, p. 9) coloca que interpretar o ambiente significa fazer uma atividade educacional que objetiva revelar significados e relações através da utilização de objetos originais, de experiências de primeira mão e por meio de mídia ilustrativa, ao invés de simplesmente comunicar informações factuais. Para Murta e Albano (2005) interpretar o patrimônio é uma forma de revelar significados de provocar emoções, estimular a curiosidade, entreter e inspirar novas atitudes nos visitantes, proporcionando uma experiência inesquecível com qualidade.

A interpretação é um componente do produto turístico, sobretudo quando se apóia na cultura e nas paisagens. Se bem explorada ela poderá possibilitar aos visitantes uma maior apreciação do lugar levando os turistas a prolongar a permanência e estimular novas visitas. Ainda dentro deste conjunto se existir uma boa recepção, acomodação e ainda o turista for tocado de forma especial pelo lugar, ele sairá satisfeito. E assim poderá trazer novos clientes através da propaganda (MURTA e ALBANO, 2005).

Murta e Albano (2005) abordam algumas questões a cerca do que busca e valorizam os visitantes. O que o lugar tem a oferecer? O que a comunidade quer mostrar? Como interpretar seus atrativos?

Quando se pensa a respeito da segunda indagação nota-se que a maioria dos locais tem sempre muito mais a oferecer. O que ocorre é a falta de divulgação ou até mesmo de estudos multidisciplinares que incluam as diversas facetas que podem ser exploradas. Ela deveria acrescentar a contribuição de diferentes profissionais, seja no âmbito do planejamento do local a ser utilizado, ou ainda nas diversas formas de seu aproveitamento como: historiadores, sociólogos, economistas, planejadores, geógrafos, arquitetos, paisagistas, comunicadores visuais e educadores de artes, que expressam o caráter necessariamente multidisciplinar da interpretação.

Além disso, informação é um processo contínuo; a todo o momento deve ser renovado e atualizado. As práticas interpretativas podem ser incluídas na escola, nas políticas públicas em entidades que trabalham com turismo, meio ambiente, patrimônio e planejamento.

Assim, sugere-se que os parques possam ter conexão com os conhecimentos gerados e integrá-los aos guias e condutores para que os mesmos repassem a comunidade que visita o local. Num passado não muito distante a maioria dos trabalhos de caracterização ficavam guardados em bibliotecas. Hoje ainda se tem a internet como um meio de comunicação bastante viável para a divulgação de informações. No entanto, este aspecto não é muito explorado seja devido à dificuldade da prática da inclusão digital ou até mesmo por questões de direcionamento de público. Além disso, os parques não possuem um *site* próprio ficando a mercê da responsabilidade do IAP para divulgar as pesquisas e ações que estão sendo realizadas.

Murta e Albano (2005) colocam que para haver uma experiência verdadeiramente cultural é necessário desenvolver a preservação e a interpretação dos bens culturais. Além disso, é necessário informar a respeito dos objetos de interpretação e convencer as pessoas

do valor de seu patrimônio, estimulando-as a conservá-lo e sensibilizando-as com relação ao seu patrimônio. A interpretação do patrimônio estimula o desenvolvimento cultural e ajuda a fortalecer o turismo sustentável.

Os parques já possuem diversas trilhas e se elas forem interpretativas e utilizadas com serviços de apoio adequados podem levar a uma melhor apreciação e uma indução à melhoria das atitudes de proteção ambiental. Para que isto ocorra, a população deve conhecer os lugares potenciais ou de alguma maneira estar informada a cerca dos patrimônios. Uma das melhores formas de disseminar este assunto é através da educação. A educação também proporciona uma rede de conhecimentos que passa pela escola, professores, alunos, pais e a comunidade.

Assim, os meios de comunicação, placas, painéis, folders, mapas, guias e museus servem de condutores para auxiliar a interpretação. Entretanto a interpretação ao vivo realizada com condutores e guias aptos culturalmente será bastante enriquecedora, pois trabalhará com todas as inteligências para sua realização.

O crescente número de visitas tem levado os governos e a comunidade local a gerenciar e promover o patrimônio como recurso educacional e como recurso de desenvolvimento turístico. A interpretação do patrimônio cumpre duas funções uma de melhor compreensão e apreciação do lugar visitado, e outra a de valorizar o próprio patrimônio incorporando-o como atração turística (MURTA; GOODEY, 2005).

A origem e as expectativas dos visitantes, as exigências físicas e culturais devem ser relevadas principalmente porque elas refletem demandas e estruturas diferenciadas. Como exemplo tem-se o idioma, terceira idade, deficientes e grupos profissionais. Os serviços públicos como banheiros, lixeiras, telefone, transporte ágil e regular, informação e segurança devem ser de qualidade e são essenciais para que a visita ocorra de forma segura. Museus e acervos são uma alternativa que podem contribuir para que a visita aos parques sejam ainda mais aprimoradas eles auxiliam a alavancar a interpretação (MURTA; GOODEY, 2005).

Existem diversos problemas quando se abre um local a visitação. Um deles é a pergunta o que o parque tem de maior atrativo? No caso, do presente artigo, que feição geomorfológica é mais representativa? Esta feição é sensível a visitação? O homem faz parte da natureza ou é um ser a parte?

Colocar guias e condutores a fim de regular a visitação, às vezes, se torna uma necessidade, pois nem todos respeitam ou interagem com a natureza da mesma forma. Caso exista colaboração ou outro tipo de fiscalização que possibilite ao turista fazer uma visita “solitária”, ele poderá contar com a divulgação de folhetos e guias ilustrados que permitam a realização de suas próprias interpretações; buscar as feições que estão no espaço seria quase com um jogo lúdico de detetive, onde se podem buscar as pistas para interpretar a paisagem com a delimitação das trilhas e das feições para que os mesmos busquem o que mais lhes interessa no percurso.

Assim, o condutor deve ser treinado com noções de primeiros-socorros, conhecimento abrangente da localidade em que se encontram e dos eventuais problemas que possam ocorrer durante o percurso da trilha, zelando também pela educação e recreação dos visitantes. Dependendo do tipo de turista frequentador pode ser necessário o conhecimento de outros idiomas (LINDBERG e HAWKINS, 1995).

Ainda segundo o mesmo autor, a pessoa destinada a esta função deverá ser preferencialmente da própria comunidade local, pois assim ela terá um maior conhecimento da área e das características culturais da região, valorizando e trazendo benefícios para sua comunidade. E também, não somente os guias devem ter conhecimento sobre a

área, mas qualquer funcionário presente na reserva; deste modo, envolvendo a todos no desenvolvimento das atividades de atendimento e conservação da unidade.

2 POTENCIALIDADES TURÍSTICAS

Conforme informações adquiridas no *site* do IAP (2011) o número de visitantes dos Parques Estaduais de Vila Velha, Parque Estadual do Guartelá, Parque Estadual do Cerrado nos anos de 2007, 2008, 2009, 2010 são de:

| ANO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | TOTAL |
|------|--------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|--------|
| 2007 | 12.224 | 8.413 | 3.779 | 6.456 | 5.224 | 7.560 | 7.847 | 5.910 | 10.670 | 10.995 | 9.427 | 647 | 89.152 |
| 2008 | 10.631 | 6.725 | 4.101 | 4.977 | 7.748 | 5.717 | 10.707 | 5.706 | 8.114 | 7.739 | 8.679 | 5877 | 86.721 |
| 2009 | 7.950 | 4.996 | 4.195 | 6.458 | 6.616 | 6.161 | 6.605 | 4.202 | 3.741 | 7.701 | 9.246 | 9.511 | 77.382 |

Quadro 2: Relatório de visitantes nas unidades de conservação de Parque Estadual Vila Velha. Responsável: Maria Angela Dalcomune. Fonte: IAP, 2010

| ANO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | TOTAL |
|------|------|------|------|------|------|------|------|-----|------|------|------|------|-------|
| 2007 | 976 | 1213 | 845 | 1395 | 572 | 942 | 922 | 874 | 1225 | 1391 | 1311 | 1347 | 13013 |
| 2008 | 1072 | 1317 | 1045 | 1207 | 1456 | 720 | 1111 | 924 | 846 | 985 | 1739 | 1452 | 13874 |
| 2009 | 1754 | 2025 | 901 | 1980 | 1587 | 1034 | 908 | 846 | 1002 | 1350 | 2042 | 1509 | 16938 |
| 2010 | 1685 | 1508 | 560 | 1230 | 1392 | 1063 | | | | | | | |

Quadro 3: Relatório de visitantes nas unidades de conservação do Parque Estadual Guartelá. Responsável: Cristóvam Sabino Queiroz. Fonte: IAP, 2010

| ANO | JAN | FEV | MAR | ABR | MAI | JUN | JUL | AGO | SET | OUT | NOV | DEZ | TOTAL |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| 2007 | 25 | 11 | 15 | 10 | 175 | 64 | 36 | * | 25 | 105 | 24 | 69 | 559 |
| 2008 | 53 | 42 | 87 | 47 | 75 | 0 | 4 | 14 | 21 | 64 | 79 | 29 | 515 |
| 2009 | | | | | | | | | | | | | * |
| 2010 | | | | | | | | | | | | | * |

Quadro 4: Relatório de visitantes nas unidades de conservação do Parque Estadual do Cerrado. Responsáveis durante o ano de 2007 Manoel Arsênio Passos, 2008 e 2009 o Tadeu Capriotti, durante o ano de 2010 Maria Ângela Dalcomune. Fonte: IAP, 2010.

* Dados não recebidos ou não houve visitaçao

Através dos dados apresentados no quadro percebe-se que o Parque Estadual Vila Velha é o mais visitado. Talvez isto esteja atrelado à questão de Ponta Grossa ser o maior entroncamento rodoferroviário do Brasil. O que faz com que várias pessoas passem pelo local por este motivo o visitem. O impacto visual paisagístico de Vila Velha na rodovia pode aguçar o interesse das pessoas em conhecê-la.

Além disso, sua infra-estrutura (lanchonete, trilhas, guias) melhorada, juntamente com a divulgação podem contribuir para o aumento do número de visitas. Sem contar as imagens divulgadas nos livros didáticos grande parte deles expõe Vila Vela quando se trata de erosão ou de rochas sedimentares.

O segundo Parque a ser mais visitado é o parque Estadual do Guartelá. Apesar de ser um parque inclusivo no que se diz respeito à questão de taxação. Ele deixa a desejar nos quesitos de infraestrutura. E também da dificuldade de retorno ao centro de visitantes devido à grande declividade da trilha. Está próximo a cidades que não possuem um grande número demográfico como Castro e Tibagi. Porém tem se destacado nos quesitos de conexões com a rede de hotéis, centros turísticos eventos do município. A política municipal vem apoiando grandemente as iniciativas que visam desenvolver o turismo e a educação em conjunto com as universidades. O município em parceria com as Universidades e até mesmo a Mineropar e CPRM (Serviço Geológico do Brasil).

Já o parque do Cerrado praticamente não cumpre sua função de repassar o conhecimento do local aos visitantes. Basta visualizar a tabela para notar que são pouquíssimas pessoas que o visitam. Além disso, não há conexão entre a cidade de Jaguariaíva e o Parque no que diz respeito aos hotéis e a um centro de informações turísticas. Aqui se faz uma pergunta, por que não existe questionamentos do IAP quanto a visitação do local? Será que o pensamento da Instituição se baseia na questão de quanto menor o número de visitantes melhor seria a conservação?

Para minimizar os impactos em todos os parques poderiam ser abertas diversas trilhas utilizando o material das próprias exóticas como no caso do Guartelá. Estas trilhas poderiam ser remanejadas ao longo do ano. Assim em tal mês tais trilhas serão disponibilizadas em outro, outras trilhas. Esta é uma forma de proporcionar uma recuperação ao local visitado. Além de aguçar ainda mais o visitante para que este retorne buscando conhecer as demais trilhas. Pode-se também elaborar trilhas com diferentes temas, vegetação, geologia, geomorfologia, hidrografia.

Os parques são responsáveis pela segurança dos turistas com exceção do Parque Estadual do Cerrado que imputa a responsabilidade ao mentor do grupo. O que na prática não é correto. Todo guia deveria ter cursos de primeiro socorros e entender de educação para saber se portar em relação às diferentes faixas etárias. Como também estar em constante capacitação adquirindo novos conhecimentos e ampliando suas interpretações locais.

Há também a falta de melhorar a divulgação dos Parques. Cada um dos parques deveria ter seu próprio site. O que facilitaria muito a propagação do conhecimento. Nestes sites poderiam existir visitas virtuais com diversos temas de roteiros. Explicações a cerca da trilha e da infraestrutura disponível fazendo também menções às atividades culturais que ocorrem nas cidades próximas. O site poderia disponibilizar todos os mapas e trabalhos já realizados no Parque.

Da forma como se encontram as informações atualmente, na página <http://www.uc.pr.gov.br/> existe uma grande dificuldade de localização das informações a cerca dos Parques, o site é bastante complexo e abrange diversas Unidades de Conservação.

Os roteiros poderiam ser realizados nos próprios mapas indicando aos turistas alguns pontos de interesse no caso específico geoturístico, a exemplo do Mapa Geoturístico de Tibagi (Apêndice A). Outra ferramenta muito útil e gratuita disponibilizada pelo *Google*

(2011) é o *Google Earth* que permite fazer alguns passeios aéreos virtualmente digitando-se o nome do parque ou suas coordenadas.

3 Considerações finais

Quando se analisa os três Parques Estaduais dos Campos Gerais. Pode-se afirmar que todos têm potencial para o desenvolvimento geoturístico. Alguns estão mais adiantados e outros têm muito trabalho a realizar.

Respondendo a pergunta de Murta *et al* (2005). O que há para ser interpretado, qual o potencial do objeto em termos de tema como histórias, eventos, associações humanas, reconhecimento regional, nacional e internacional?

Após a realização da pesquisa pode-se dizer que todos os parques têm potencias em termos de história, eventos e associações humanas. Mas como não são divulgadas e em muitos casos não podem ser acessados; o conhecimento regional, nacional e internacional são prejudicados.

Como o objeto ou sítio se relaciona com o ambiente mais amplo? Os parques são usados como símbolos da cidade “ecologicamente correta”, mas nem sempre se relacionam com o próprio município ao qual está inserido.

Dentro destas questões nota-se que em Jaguariaíva e Ponta Grossa não existe conexão entre informação, hotéis e transporte. O Centro de informações turísticas de Ponta Grossa localiza-se na praça Rio Branco no centro da cidade e fica fechado aos finais de semana. Não existe vinculação entre os parques e a cidade. No caso de Tibagi esta possui um Centro de informações turísticas. Já na entrada do município oferece informações e mapas para visitação dos pontos turísticos da cidade e os hotéis disponibilizam informação a cerca dos pontos de visitação sendo munidos de *folders* e folhetos. Existem também empresas especializadas em transporte de turistas. Existe transporte coletivo para todos os locais onde se encontram os parques, no entanto, os horários não são compatíveis com a abertura e o fechamento dos mesmos.

Que ligações podem ser estabelecidas entre o passado, o presente e o futuro?

As ligações são as diferentes interpretações e utilizações da paisagem no decorrer da evolução cultural da sociedade. As áreas que são parques atualmente tiveram e tem diferentes símbolos diferentes.

Quais os objetivos que se deseja atingir com a interpretação? Os objetivos que se pretende atingir com a interpretação cultural geoturística é proporcionar a população o conhecimento a cerca de seu patrimônio. Além disso, a interpretação almeja auxiliar a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade fazendo com que o visitante e principalmente o discente desenvolvam suas inteligências múltiplas em contato com a natureza. A partir disso espera-se que ele compreenda que são necessárias a proteção de todos os fatores tanto abióticos como bióticos para se obter uma paisagem. Esta interpretação geoturística busca ampliar o conhecimento geológico que é pouco difundido, seja devido à falta de informação, ou informações técnicas demais ou por desconhecimento.

Quais são as limitações do lugar, se compararmos oportunidades semelhantes na mesma região – acesso, impacto sobre meio ambiente e comunidades, tipicidade, necessidades econômicas?

Catta (2002) diz que o turismo em Foz do Iguaçu tem um nível privilegiado no país. A autora relata que entre 1972 e 1980 as Cataratas receberam uma média anual de 798.653. Catta (2002) coloca que a capacidade de carga do parque é estimada em

6.310,73 e que em vários momentos o parque ultrapassou sua capacidade chegando a ter até 12.000 turistas visitando o local. Quem administra o parque ambientalmente é o IBAMA. E comercialmente é empresa Cataratas do Iguaçu S/A os objetivos da empresa são o de implantar e operar atrações que somadas à riqueza natural do Parque, venham a constituir um complexo turístico.

Aqui surgem vários impasses porque o IBAMA tem formas de ações diferenciadas do IAP na condução e administração do parque. E como a capacidade de carga do local é tão alta se comparada aos demais parques, principalmente quando se relaciona a Vila Velha? Que possui uma capacidade de carga de 815 pessoas diárias nos arenitos e 450 pessoas na lagoa e nas furnas.

Quais as limitações de gestão – físicas, legais, administrativas e financeiras?

Com que recursos técnicos e financeiros se pode contar ? Este é o maior problema apresentado por todos os parques; suas limitações financeiras acabam por prejudicar a administração e, por conseguinte a visitação e a devida conservação local. Além das limitações financeiras têm-se os planos de manejo que deveriam ser revistos pelo menos uma vez por ano. Dentre os planos de manejo estudados o que apresenta uma melhor concepção e organização é o Parque Estadual Vila Velha.

Um dos problemas encontrados na elaboração dos planos de manejo é que eles não seguem a mesma metodologia e também não são produzidos por uma mesma equipe. Por este motivo a uma variedade de idéias e atitudes diferenciadas nos parques. Nota-se que a maior preocupação dentro dos parques não é com a transmissão do conhecimento, mas sim com o comportamento do turista ou a possível invasão das exóticas.

Conforme o que foi apresentado acerca do que Murta e Albano (2005) sugerem que para melhorar a interpretação do patrimônio é necessário conhecer os seus patrimônios e a variedade deste para então apresentá-lo. Dentre todos os parques os que possuem maior geodiversidade em termos de afloramentos geológicos são o Parque estadual do Guartelá e o Parque estadual Vila Velha. Porém, nem todos estes afloramentos estão disponíveis a visitação. Se realmente os locais são de grande interesse geoturísticos e raros de se encontrarem há de se pensar em abri-los para visitação. Claro que com todo o cuidado para não impactar o ambiente. Se acaso isso não for possível fisicamente quem sabe virtualmente. Existem tantos museus e cidades que se podem visitar virtualmente porque não um parque também?

Nota-se que dos três parques o mais preparado em termos de disseminação do conhecimento é o Parque Estadual Vila Velha que possui um programa de palestras aos guias, várias placas disponíveis à respeito das descrições geológicas, geomorfológicas e também algumas bióticas. O único que contém loja de suvenires é o Parque Estadual Vila Velha em convênio com a PROVOPAR (Programa do Voluntariado Paranaense).

Apesar desta melhor condição de disponibilidade de informação (placas) em entrevista com a gerente do parque, Maria Ângela Dalcomune (2011) esta relatou que pouquíssimas pessoas tomam conhecimento das informações. Quando mencionou-se a utilização de folhetos, a gerente informou que já houve um tempo que distribuía estes, mas que a maioria deles acabava parando no lixo. Por isto a dirigente se demonstrou contrária a doação. Quando comentou-se na possibilidade de vender os folhetos esta idéia foi mais aceita. Pois acredita-se que quando algo é pago também deverá ser mais valorizado.

Em geoturismo fala-se muito em turismo e em geração de capital. Mas a principal questão que deve ser abordada é a educação. Nem todas as feições possuem interesse turístico. O turista quando se desloca quer primeiramente uma infra-estrutura disponível

e fácil acessibilidade. Quando ele tem que se deslocar por um terreno muito íngreme durante um certo tempo e não tem uma infra-estrutura adequada para lhe atender existe uma grande decepção. Neste sentido a muito a que se relevar na implantação de um geoparque. Afinal as áreas com potenciais geoturísticos devem possuir infra-estrutura para tal empreendimento e a realidade é que esta ainda é muito precária.

Conforme Beni (2006) a maioria dos turistas buscam por informação e infra-estrutura. Esta infra-estrutura se refere principalmente a hotéis, hospitais, banheiros, lanchonetes, lojas de suvenires, pois, afinal eles querem levar uma lembrança palpável de que realmente estiveram naquele local.

Antes de se pensar em geoturismo é necessário pensar em educação. O geoturismo tem em primeiro momento uma relação com educação, cultura e as predisposições psicológicas do cidadão. Estas predisposições estão relacionadas com as questões físicas dos visitantes e também às suas aptidões e preferências.

E estas variantes ou observações subjetivas estão inatas ao sujeito de forma psicológica e cultural, portanto na contemporaneidade a natureza como atração turística apresenta na contemporaneidade sua espontaneidade uma clara especificidade quanto ao seguimento da educação recebida.

O que parece na maioria dos parques visitados é que a educação não está em primeiro plano. Não se podem fazer novas construções porque prejudica o ecossistema local, nem utilizar as que já existem. O guia praticamente tem a função de conduzir as pessoas para que não saiam da trilha, mas possuem pouco conhecimento para disseminar ao visitante.

Como Urquí *et. al* (2007) coloca, não são todas as pessoas que se deslocam quilômetros para ver um diamictito ou uma estria. Também não são todas que se emocionam ao ver a taça. Outras detestam ter que conviver com regras onde antes podiam caminhar com toda liberdade e agora devem se submeter a regra locais.

O referido tema remete a discussões acerca de impacto que merecem ser discutidas. Todos os parques como foi revisto em seus históricos, foram locais de moradia indígena, serviram como fazendas e durante o tropeirismo sustentando o gado, foram laboratórios de reflorestamentos, locais de caça, pesca, e piqueniques. Há de se acrescentar ainda que os mesmos sofreram grandes devastações com o fogo perdendo grande parte de sua vegetação. Hoje são áreas destinadas à preservação e algumas poucas somente a visitação.

Estas áreas foram altamente impactadas durante anos, mas ainda resistiram, o campo e o cerrado, que por sua vez voltaram a dominar a paisagem juntamente com outras exóticas, que também fazem parte desta evolução geográfica. Aí tem se a dialética retirar as exóticas? Um eucalipto de 100 anos tem direito a vida? Um Java-porco deve ser morto porque esta modificando o ambiente? O humano é um ser exótico que sempre impacta toda e qualquer paisagem?

O homem é um ser integrante pertencente à natureza apesar de se distanciar dela utopicamente pensa que a natureza é propriedade única e exclusiva dele. Algumas pessoas adoram as cidades e não trocam elas por parques de forma alguma. Mas outras buscam emoção, sensações diferentes, querem entrar em contato com a natureza selvagem, observar os pássaros os animais, as árvores. Buscar o ser e a sua essência. Caminhar por novas paisagens conhecer novos lugares, o mundo é imenso, mas tem cercas. Estas são determinadas pela sociedade e pelos ideais de política democrática que representam a população. E é esta minoria que decidem os limites. E por que os espaços estão delimitados? Porque as classes sociais são distintas, a educação não é igualitária, e há diversas culturas. Por isso os parques são vistos de várias maneiras e assim surgem as

normas e regras de comportamento que se transformam em leis que objetivam padronizar outros modos de conduta.

Mas a sociedade evolui, assim como a ciência, o conhecimento, e os parques além da questão conservacionista devem se reportar à Educação dando ênfase e suporte para que haja a integração entre o sujeito e o Patrimônio Cultural. Nessa correlação entre o sujeito pode se estabelecer um caráter peculiar, a compreensão.

Quanto mais pessoas conhecerem um determinado local e tiverem uma imagem positiva deste, mais iniciativas elas terão para preservá-lo. E como o turismo perpassa pela comunicação esta vai se propagando e aumentando a curiosidade de outrem para conhecer determinado parque.

A conjunção dessas diferentes unidades atribuídas poderá ser sintetizada na configuração de um conflito que por conseguinte, privilegia a complexidade das interações geográficas. E com a descrição linear de cada elemento que compõem a fenomenologia geográfica articula ao fenômeno estático. E contrastante entre as feições morfológicas e a vegetação que com destaque se apresentam como paisagem indissociável da progressão climática e temporal apresentando um potencial geoecológico distinto.

A maneira como alguns observam a paisagem atualmente é a partir de uma gama de conhecimentos. A Vila Velha não é mais uma lenda indígena, não é um ponto de parada de tropeiros, não é mais fazenda, nem local para fazer piqueniques ou para rezar. Ela é um monumento geológico e de grande geodiversidade com milhões de anos. Então deve-se preservá-la, ou quem sabe fazer um campo de força para que ninguém a toque pois isto pode ser impactante. Foi o conhecimento que a tornou um monumento. Um conhecimento que foi construído ao longo de centenas de anos desde a exploração dos desbravadores do Brasil. A partir do momento em que os conhecimentos se tornam globalizados, surge à possibilidade de conectar e entender uma geologia e uma geomorfologia mundial. Inicia-se um processo de valorização do que é raro da história geológica e geomorfológica local. Além das questões ambientais que diante do avanço do desmatamento da agricultura e poluição, as áreas “nativas” são mais valorizadas.

Esse conhecimento deve ser repassado e para que ele seja ainda mais válido devem-se utilizar todos os sentidos para incentivar o desenvolvimento das inteligências múltiplas. Assim a experiência do conhecimento se torna inesquecível. Portanto deixe as pessoas tocarem os arenitos, sintirem o que é uma estratificação, uma bacia de dissolução um relevo ruiforme. E se acaso os calçados provocam impactos, deixe-os descalços assim a interpretação do patrimônio vai além de apenas palavras.

Desejo consignar neste artigo a preocupação pela preservação e disseminação do patrimônio cultural, com propostas previamente exploradas com estudo científico edificado e conceituado, oferecer com essa intenção teórica a implementação do turismo e a melhoria da educação.

Que o conteúdo da cultura venha a fascinar o homem e dentro desta dinâmica citadina derivada pela ação antropogênica com as transformações dicotômicas, complexas e intrínsecas façam fluir os valores da integração mais pura e sábia. O homem a natureza e a educação. Das inter-relações fazendo emergir constatações, interpretações questionamentos e dúvidas. Tal riqueza apresenta um raciocínio linear quanto maior os atributos obtidos pelas informações, as associações vinculam-se a erudição do indivíduo que o levará a ter uma consciência favorável ao aproveitamento e discernimento dos valores culturais e sua conservação holística. Em seqüência ou por conseqüência desta visão homem natureza o turismo e o meio que possibilita a intercessão que ali foi

encontrada, analisada e pelo veículo da comunicação viabiliza a propagação dos pontos interessantes que se encontram nos Parques.

Pesquisar, estudar, refletir e escrever sobre os Campos Gerais constitui-se em uma realização. A cada passo avançado nas trilhas da natureza percebe-se que o percurso foi marcado pela história e outros segmentos da geografia.

Desta tese compartilho uma nova experiência e afirmo que o conhecimento pode ser aprimorado, mas é infinitamente inacabado para todo o sempre é transformado. Um pelo outro e para o outro. Assim como o homem primitivo deixou suas interpretações nas pinturas rupestres, deixo aqui um legado para posteridade.

Referências

- AURÉLIO, B. D. H. F. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BENI, M. C. *Análise Estrutural do Turismo*. 3º ed. São Paulo; Editora SENAC, 2000. 518p
- CATTA, Luiz Eduardo Pena. *O Cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade*. Edunioeste. Cascavel, 2002. 114 p.
- LIMA, M. *Nas trilhas de Saint-Hilaire*. Copyright, 94 p. 2001
- LINDBERG, K. e HAWKINS, D. E. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão* – São Paulo, SP: SENAC, 1995. 279p.
- MAACK, R. Notas preliminares sobre clima, solos e vegetação do Estado do Paraná. *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, Curitiba, v. II, p.102-200, 1948.
- MINEROPAR. Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias. *Geologia do Estado do Paraná*. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/mineropar/atlas.html> Acesso em: 25 jul.2006.
- MURTA, M. E; ALBANO. *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte. Ed. UFMG; Território Brasilis, 288 p, 2002.
- NASCIMENTO, M. A. L. do; RUCHKYS, U. A.; MANTESSO-NETO, V. *Geodiversidade, Geoconservação e Geoturismo* - trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geologia, 2008. 82 p.
- PÁDUA, M. T. *Turismo nos parques*. Disponível em <http://www.oeco.com.br/maria-tereza-jorge-padua/24532-turismo-nas-unidades-de-conservacao> Acesso em: 23 ago.2010
- SAINT-HILAIRE, August. *Viagem à comarca de Curitiba*. São Paulo, Nacional, 1964.
- TILDEN, F. *Interpreting our Heritage*. 3ed. Chapell Hill: University of North Carolina Press, 119p. 1977.
- URQUÍ C, L.; LÓPEZ MARTINEZ, J.; DURÁN VALSERO, J.J. (2007). *Patrimônio Geológico y Geodiversidad: investigación, conservación, gestión y 85 relación con los espacios naturales protegidos*. Madrid, Spain: Instituto Geológico y Minero de España, 360p.